

CM 14.2.52
DN 10.5.58

APÊLO DE UM IGNORANTE

METI-ME outro dia por um impulso de boa-vontade a recordar a Matemática de meu tempo de ginásio. Não demorou muito que o rapaz, que eu pretendia ajudar em seus deveres fizesse sentir, com relativa delicadeza, que dispensava meu auxílio. Retirei-me com alívio daquele mundo desconhecido. Desconhecido ou apenas esquecido? Não, não me lembro absolutamente de ter contado os grados de um ângulo; em meu tempo qualquer ângulo tinha apenas graus — e juro que, em tôda a minha existência, nunca ouvira falar em “radiano”. Há novidades na Matemática ginasial ou apenas os programas de hoje são mais complicados?

No meu tempo eu achava todo o programa secundário complicadíssimo; não sei explicar, a não ser por sistemática e absurda tolerância dos examinadores, como consegui ir até o fim com apenas dois exames de segunda época.

E que ficou de tôda aquela assombrosa montoeira de noções que os pacientes professores tentaram meter na minha cabeça? Do Latim, apenas o singular do qui-quaerquod, façanha de memória que não sei que influência terá tido em meus destinos. E de cada matéria alguma coisa assim, algum detalhe absurdo perdido no meio de uma espessa e tranqüila ignorância geral.

O pouco que aprendi depois foi à custa de topadas que andei dando pela vida; e como essa vida não tem sido muito organizada, acontece que só acabo de aprender uma coisa quando não preciso mais sabê-la. O remédio então é tratar de esquecê-la, o que, felizmente, consigo com facilidade. Se tiver uma vida longa hei de morrer em um

tal estado de inocência que o Senhor, embaraçado, acabará me mandando para o limbo.

Novas levas de moços continuam, entretanto, a enfrentar o ginásio. De vez em quando ficamos sabendo, através do resultado de algum concurso para algum instituto superior mais rigoroso, que a grande maioria dêsses moços chega ao fim do curso em lamentável estado de ignorância. Fala-se na decadência do ensino; fala-se não sei por que, visto que êle nunca parte dos professores secundários, o que acho má idéia. Pela minha triste experiência o que haveria a fazer seria limitar o número de coisas a ensinar no ginásio; para que, suponhamos, martirizar êsses meninos anos a fio com o Latim, que êles jamais aprenderão?

Latim é língua de padre e, portanto, estudo de seminarista; fora disso só serve para brilharecos já fora de uso tanto no fôro como na imprensa. Deixemo-lo para os que pretendem estudar as letras antigas. O resultado dêsse amontoado de exigências é que a maioria dos alunos do último ano é simplesmente incapaz de redigir um bilhete em Português sem três ou quatro erros dos mais vulgares.

É em nome de um antigo mau aluno — que, entretanto, sempre foi um bom rapaz — que escrevo êste apêlo. Não pretendamos — pelo menos na primeira parte do curso secundário, que se enfrenta na mais perturbadora das idades — que os rapazes e as môças aprendam tanta coisa. Simplifiquemos e amenizemos seus enciclopédicos programas. Êles ficarão menos ignorantes tentando aprender menos.